



PROBLEMAS DE GÊNERO EM ‘BICHAS’, DE MARLON PARENTE

José Kleberson Rodrigues de Almeida Ananias

Aluno do Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba

E-mail: kleberpsicanalise@hotmail.com

Antônio de Pádua Dias da Silva

Professor Orientador do Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba

E-mail: magister.padua@hotmail.com

RESUMO: As formas como as manifestações das sexualidades são encaradas na atualidade, alteraram radicalmente a maneira de vivenciar e experienciar as Performances Sexuais e as Identidades de Gênero como um todo. Em decorrência do crescente debate midiático acerca dos direitos da população LGBT, bem como da ausência de Legislação Específica que ampare as vítimas de Homofobia, o presente trabalho investiga as relações existentes entre Homossexualidade e Violência de Gênero, a partir dos depoimentos constantes no documentário ‘Bichas’, de Marlon Parente. Espera-se, através do presente trabalho, contribuir com a promoção de discussões que fomentem o diálogo e a pesquisa acerca da homofobia e da violência de gênero.

Palavras-Chave: Homofobia; Violência de Gênero; Poder Midiático

INTRODUÇÃO

Desde que iniciou a prática da psicanálise em 1900, Sigmund Freud revolucionou o modo de compreensão de homem e de mundo de sua época, ao romper com as concepções puramente biológicas de sexualidade e defender o caráter contingente do desejo, através do qual a Pulsão pode investir nos mais diversificados objetos que lhe proporcionam prazer, sem que esse fenômeno fosse compreendido como degeneração, ou anormalidade. Realizou desse modo, uma

desnaturalização dos corpos ao desvincular as sexualidades de fins unicamente reprodutivos e iniciou, conseqüentemente, uma discursividade acerca do homoerotismo e dos gêneros de maneira geral. Seus escritos influenciaram radicalmente o modo como as sexualidades e, conseqüentemente as Performances Sexuais, passaram a ser encaradas pelas sociedades posteriores.

Em 1905, no primeiro dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, ao defender o aspecto não patológico da homossexualidade, Freud posicionou-se contra sexólogos e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cientistas em geral, alertando para a necessidade de problematização da própria heterossexualidade que já não podia ser compreendida a partir de bases puramente químicas, já que com o advento da Psicanálise, a sexualidade passou a ser vista como efeito de discurso e não apenas como um fenômeno puramente biológico.

Alguns anos depois no artigo A Psicogênese de um caso de Homossexualidade Feminina, publicado em 1920, Freud reafirmou sua posição em relação às homossexualidades, denunciando a omissão da pesquisa psicanalítica que longe de propor uma solução para as práticas homossexuais, deve se contentar com o desvelo dos mecanismos psíquicos presentes nas escolhas objetais, sejam elas hetero ou homossexuais.

Articulando com as discussões propostas pela obra freudiana, o presente trabalho discorre sobre as configurações de gênero e masculinidades presentes no documentário 'Bichas', de Marlon Parente, com o intuito de investigar as relações existentes entre Homossexualidade e Violência de Gênero, a partir dos depoimentos constantes na referida obra.

No primeiro capítulo, situamos historicamente o conceito de homossexualidade, realizando um percurso histórico acerca da criação da categoria

enquanto tal, investigando como as manifestações das sexualidades foram encaradas desde as Antigas Civilizações até o século XVIII e as contribuições psicanalíticas para a compreensão do fenômeno homossexual.

No segundo capítulo, analisamos os depoimentos constantes no documentário 'Bichas', de Marlon Parente, refletindo acerca das diversas configurações do desejo homoerótico na contemporaneidade, bem como das relações existentes entre Homossexualidade e Violência de Gênero, a partir da referida obra entendendo que o desejo revela-se discursivamente construído e que, o modo como cada sujeito vive sua sexualidade deve ser respeitado em sua singularidade.

Para tanto realizamos uma pesquisa e análise bibliográfica da obra de Freud, bem como da psicanálise contemporânea a partir de autores que procuram problematizar os gêneros, as masculinidades e o desejo homoerótico na contemporaneidade, tais como, Graciela Haydée Barbero e Jurandir Freire Costa. Da mesma forma, nos debruçamos no campo da filosofia contemporânea, na obra dos autores Thomas Laqueur, Didier Eribon e Michel Foucault, no que concerne a criação das categorias de gênero, sexo, desejo.



Entendendo que a Homossexualidade não constitui desvio ou mesmo degeneração e que a Psicologia deve contribuir para a erradicação dos preconceitos e discriminações em torno das questões ligadas às práticas sexuais ditas desviantes daquelas estabelecidas sócio-culturalmente, através do presente trabalho espera-se contribuir com a promoção de discussões que fomentem o diálogo e a pesquisa acerca da Homofobia e da Violência de Gênero, ressaltando o poder midiático/ papel da mídia na evidência desses fenômenos.

A INVENÇÃO DA CATEGORIA

É fato que a “[...] nossa sexualidade é produto de condições históricas” (Spencer, 1996, p.10) e que aquilo que compreendemos por gênero, é construído culturalmente. Dessa forma, a maneira como a sexualidade é encarada revela inevitavelmente traços de sua estrutura político-cultural. Portanto, a profundidade e a complexidade da sexualidade, tal como a compreendemos, existem apenas em função do modo como a sociedade e, conseqüentemente, a cultura, tentam controlá-la. (Spencer, 1996).

Nesse sentido, Foucault (1988, p.100) acredita que:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com

dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, as formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

A constatação de que a sexualidade “[...] é um nome dado a coisas diversas que aprendemos a reconhecer como sexuais de diversas maneiras” (Costa, 1995, p. 93) nos leva a certa relativização dos termos ‘certo’ e ‘errado’ e dos conceitos de ‘bem’ e ‘mal’ quando se trata de avaliar ou mesmo problematizar os gêneros, e o amor entre os seres do mesmo sexo. Trata-se, portanto, de avaliar a opinião que as várias sociedades tiveram sobre as práticas sexuais, a partir de reflexões que permanecem abertas ao diálogo e à discussão.

Analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. [...] Compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma ‘sexualidade’ [...]” (Foucault, 1984, p. 11)



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As antigas civilizações, segundo Spencer (1996), acreditavam que o impulso sexual era dominado pelo gene do egoísmo. Teorias defensoras do princípio de que ‘os iguais buscam os iguais’ dificultava o acesso à heterossexualidade. De acordo com Laqueur (2001), escritos dessa época chegavam a sugerir que a heterossexualidade podia levar o homem a destituir-se como tal.

No Velho Egito, o sexo era considerado necessário e estava por toda parte, embora as atividades sexuais não constituíssem um determinante da identidade. A bissexualidade masculina era tida como natural, ainda que as práticas passivas da homossexualidade inquietassem os egípcios. (Spencer, 1996).

Muitos textos daquela época atribuíam a passividade sexual masculina a uma deformidade congênita responsável pelo desvio do excesso de sêmen para o ânus, orifício supostamente inadequado que não permitiria ao sêmen desenvolver-se adequadamente no órgão masculino. (Laqueur, 2001).

Na China, durante os anos 1122-256 A.C., a homossexualidade masculina não era tida como diferente em relação ao amor entre homens e mulheres, não havendo nada contra as possíveis ligações homossexuais entre homens casados.

O corpo masculino, na Grécia Antiga, respondia igualmente à visão erótica de uma mulher ou de um jovem atraente. Nessas sociedades (Laqueur, 2001), o pênis era, portanto, sinônimo de status e o ser ‘homem’ ou ser ‘mulher’ significava ocupar determinada posição social, assumir um papel cultural e não necessariamente pertencer a um ou outro gênero. Pertencer a um ou outro sexo dava à pessoa em questão o direito a certas regalias.

[...] na Grécia Antiga, não existia um só sexo especificado conforme nossos hábitos linguísticos. Existiam as *afrodisia*, que eram os prazeres e vários *eros* que, todos sabemos, manifestava-se de várias maneiras: entre homens e homens; entre mulheres e mulheres; entre homens e mulheres; entre humanos e animais; entre deuses e homens; entre humanos e elementos naturais como a chuva, o vento, etc; [...]. O *eros* grego, portanto, nem estava na realidade anatômica dos humanos, nem nos atos sexuais, nem tampouco no desejo interno de cada um, pois, na Grécia não havia sido inventada a ‘interioridade’ psíquica que nos é familiar.. (Costa, 1995, p. 95)

Para os gregos, portanto, o ato sexual não é percebido como um mal, mesmo que alguns textos deixem transparecer algumas inquietações em torno do mesmo.

De acordo com Foucault (1984), seria um erro acreditar na mera valorização do ato



sexual por parte dos gregos, pois, textos dessa época demonstram também que até o século II A.C., um homem podia ordenar o seu escravo que praticasse felação, ao passo que, a esse mesmo homem estava vetada a inversão dos papéis nessas práticas sexuais. Entrando, portanto, na história, “[...] a oposição entre atividade e passividade que é essencial e marca tanto o domínio dos comportamentos sexuais como o das atitudes morais [...]” (ibidem, p.79).

Com a emergência do judaísmo, e posteriormente, do cristianismo, as atividades sexuais masculinas dentro do casamento passaram a ser altamente valorizadas, relegando as práticas homossexuais à marginalidade. Ser digno de respeito passou a ser sinônimo da capacidade de reprimir os desejos e dedicar-se ao pensamento estoico e as questões filosóficas emergenciais.

A partir de então os homens que se sentiram atraídos por pessoas do mesmo sexo foram considerados efeminados e criminosos. As práticas bissexuais foram descartadas e as homossexualidades, associadas à feitiçaria e ao demonismo, ideia reforçada cada vez mais pelo protestantismo.

Com a emergência do Iluminismo houve um grande silêncio diante das proibições relacionadas às práticas homossexuais, o que só veio reforçar o preconceito, fazendo com que a atração pelo

mesmo sexo tomasse o aspecto de uma arma revolucionária e que o ato sodomita se tornasse subversivo.

O amor heterossexual tornou-se a única justificativa para a escolha dos parceiros para o casamento. A ideia de sexo entre homens foi considerada satanista e sua prática passou a ser mencionada apenas de maneira indireta. Esse crime, para os cristãos não podia ser nomeado, sobretudo porque era contagioso. Através da emergência desses discursos, multiplicaram-se as condenações judiciais das chamadas perversões de irregularidade sexual, que foram, cada vez mais, associadas à insanidade mental. Todos os ditos desvios de natureza sexual passaram a ser cuidadosamente estudados. Medidas preventivas como controles pedagógicos e tratamentos médicos proliferaram-se por todo o mundo.

Durante o século XIX, com a finalidade de normatizar a vida sexual, médicos dedicaram-se à busca das causas e manifestações, daquilo que, a partir de então, passou a ser visto como disfunção sexual e insanidade mental.

Embora o termo ‘inversão sexual’ tenha sido usado pela primeira vez por Haverlock Ellis, em 1897, para referir-se à sensibilidade feminina de alguns, foi apenas em 1848, através do médico húngaro Karoly Maria Benkert que o conceito de



homossexualidade pode surgir. (Spencer, 1996), atrelado, inclusive, à preocupação com o estudo e a classificação dessas patologias.

Em 1864, o jurista alemão Karl Heinrich Ulrichs – autor de doze livros sobre sexualidade, advogados dos direitos das minorias sexuais e fundador do culto ao Uranismo -, escreveu *Vindex e inclusa*, que foram os primeiros textos jurídico-científicos acerca do amor entre homens. Em 1896, o autor Chevalier, responsável, naquela época, por um dos maiores estudos sobre o tema, afirmava que a inversão era uma doença de personalidade.

As proibições sexuais tinham uma conotação jurídica, constituindo por isso, uma espécie de direito, através do qual os homossexuais e hermafroditas em geral, foram considerados criminosos inclusive por sua disposição anatômica. (Foucault, 1988).

O médico Benkert, que posteriormente alterou seu nome para Kertbeny, foi o primeiro defensor da eliminação das leis anti-sodomitas. Numa carta a Ulrichs, de 6 de maio de 1868, utilizou-se de quatro novos termos para classificar as práticas sexuais: ‘monossexual’, ‘homossexual’, ‘heterossexual’ e ‘heterogénit’. De acordo com Vieira (2009), o termo ‘monossexual’ referia-se à masturbação pelos dois sexos, ao passo que ‘heterogénit’ designava aquilo que hoje conhecemos por zoofilia, isto é, a atração ou

prática sexual com animais. O homossexual, evidentemente, diz respeito aos atos eróticos entre homens e entre mulheres e, finalmente, o heterossexual, que concerne à prática sexual entre homens e mulheres.

Desse modo, o posicionamento médico-científico de modelo positivista que propunha a classificação de tipos e comportamentos sexuais teria sido o grande responsável pelo surgimento da categoria homossexual enquanto tal, embora o próprio Benkert (1868) considerasse a homossexualidade a sexualidade dita normal como mera variação da satisfação sexual.

Com o advento da Psicanálise o Destino Biológico da Sexualidade passou a ser questionado. Freud denunciou a omissão médica em relação às práticas homossexuais e as chamadas perversões, que para ele, não passam de convenções sócias, já que “[...] na vida sexual de cada um de nós, ora aqui, ora ali, todos transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal.” (Freud, 1905a, p. 55).

No primeiro dos seus *Três Ensaios*, partindo do “[...] pressuposto de uma Pulsão Sexual” (Freud, 1905, p.126), Freud defendeu que a sexualidade é regida pelo Princípio de Prazer, possuindo como meta a mera satisfação, e que sua principal característica – denominada perverso-polimorfa – estaria no fato de que haveria diversas formas de obter



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

satisfação sexual, sem necessariamente depender dos processos hormonais.

Freud caracterizou, ainda, como uma injustiça social o fato da sociedade exigir conduta sexual idêntica para todos, questionando o valor deste sacrifício, já que o princípio ético da psicanálise se direciona à importância da singularidade do sujeito e não em considerações valorativas sobre o que seria certo ou errado. Portanto, “Freud não pôde deixar de constatar que não existem normas sexuais fora da moral, só existem normas culturais.” (Barbero, 2005, p.161).

Como a maior parte dos psicanalistas de seu tempo só conseguiram enxergar na homossexualidade algo aberrante e moralmente desprezível (Costa, 1995), Freud deixou-nos um último exemplo em vida, pronunciando-se para a Imprensa em Viena em 1930, assinando uma petição favorável à revisão do código penal que retirou a Homossexualidade da lista de crimes passíveis de punição.

Em 1973, iniciou-se na Associação Americana de Psiquiatria um debate acerca do retorno da homossexualidade na lista dos distúrbios mentais. A postura ética liberal venceu, libertando definitivamente a homossexualidade da categoria de doenças mentais. (Costa, 1995).

AS BICHAS

No começo há a injúria. Aquela que todo gay pode ouvir num momento ou outro da vida, e que é o sinal de sua vulnerabilidade psicológica e social. (Eribon, 2008, p.27)

Com quase quarenta minutos de duração, e produzido em torno de 100 dias, o documentário “Bichas” do publicitário pernambucano Marlon Parente conta a história de cinco jovens gays recifenses de classe média baixa e suas dificuldades em viver plenamente sua sexualidade, sugerindo através do adjetivo “bichas” o empoderamento da classe homoafetiva ao apropriar-se da palavra como insulto para preenchê-la de significados e significantes.

Lançado na internet no dia 20 de fevereiro de 2016, o documentário foi orçado em torno de 10 reais, e idealizado como um grito de alerta à violência de gênero e sexista, sofrida por homossexuais a partir do preconceito vivido dentro de casa, com seus familiares, levando-nos a pensar que a homofobia não declarada pode aparecer disfarçada nos discursos cotidianos, ecoando até daquelas pessoas “gente fina”, e nascer no íntimo daqueles que são fatalmente golpeados por ela. O filme, portanto, se caracteriza como uma resposta à agressão, abuso e discriminação.

Ao adotar o estilo fílmico de depoimento simples, ou seja, sem interferência direta, os personagens vão se

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



descortinando para o público ao contar como se assumiram para suas famílias, enfrentado as mais diversas reações e lidando com a homofobia em locais públicos. Os jovens que prestam esses depoimentos tem o sentimento comum de serem bichas e se autodeclararem assim para quem perguntar

O texto que descreve o curta no Canal Youtube faz jus à temática presente no documentário:

Esse filme fala, antes de tudo, de amor. Para ser mais exato: de amor próprio. A palavra BICHA vem sendo usado de forma errada, como xingamento. Quando na verdade, deveríamos tomar como elogio

Partindo do princípio de que “um sujeito sempre é produzido pela ordem social que organiza as experiências dos indivíduos num dado momento da história.” (Eribon, 2008, p.15), tomamos, portanto, como base deste trabalho os depoimentos desses jovens, com o intuito de refletir a partir deste recorte, a relação existente entre a homossexualidade e a violência de gênero na contemporaneidade.

O primeiro depoimento constante no referido documentário corresponde ao jovem João Pedro, também chamado de Peu, Peutney, Britney ou Lara Beckney, e começa descrevendo as injúrias às quais era submetido na infância, nos seus tempos de colégio:

- “Ela é menina, viado [...] todo mundo contra mim [...] fugi da escola. [...] é bicha, queriam bater [...] Eu tava dançando Shakira e todos os meninos mais velhos jogaram lixo em mim, porque eu era uma bicha, em cima de um batente, rebolando minha bunda. Chegou uma pessoa e me empurrou, dizendo ‘viado não tem vez!’, já tava todo mundo olhando [...] e eu olhei pra cara dele e fiz ‘Vira o cu que eu te como!’, e as pessoas tavam rindo dele e eu descobri como eu faria pra me defender. [...] Como você fica depois disso? Isso machuca... Eu sou bicha, sempre fui bicha [...]”

Ao refletir sobre aquilo que chama de *Choque da injúria* vivido pelos gays, Eribon (2008) afirma que ser chamado de viado corresponde a uma agressão verbal que marca a consciência do sujeito, inscrevendo a violência simbólica na memória e no corpo do indivíduo, moldando a relação do sujeito com os outros e com o mundo.

Encontramos no documentário, o depoimento do jovem Ígaro, 19 anos, Drag Queen, cuja fala converge com a referida assertiva:

- “Tinha muito medo que eles desconfiassem [...] Tinha 15 anos quando me assumi e eu falei ‘sou bicha’ [...] e falaram ‘É aquele Serginho do BBB que tá fazendo isso com você ne?’ [...]Minha vida sempre foi rodeada de muita censura, muita pressão [...].



Lembro de momentos na igreja [...], um amigo meu [...], não tinha uma postura lida como masculina [...]. ‘faça pose de homem! Fale feito homem!’ Eu percebia muito claramente o desconforto dele [...], no solo dele, no coral, a voz dele [...] se não engrossar a voz não participa. [...]. Na igreja quiseram me xingar, me zoar, me chamar de bicha, de viado, de gay, do que fosse e eu não queria aqueles adjetivos [...] eu passei a odiar a bicha, o que o viado era [...]. A palavra machuca, ela é sempre viva, e não apenas machuca como reforça o preconceito de não querer ser bicha [...]”.

De acordo com Goffman (1993) a injúria se configura como um enunciado performativo e produz efeitos de instituição e perpetuação de estigmas: “A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou” (ibid).

A possibilidade de ser objeto de agressão verbal ou física, segundo Eribon (2008), é onipresente e determina a maneira como os gays constroem sua identidade pessoal, sendo capazes de perceber o perigo ou aprender a controlar excessivamente os gestos e as falas. A esse respeito vemos o depoimento de Bruno, de 24 anos:

- “Eu ouvi que era viado aos 6 anos. Tava numa padaria e um cara falou [...]. Eu não sabia o que era, mas senti pelo tom dele, que era uma coisa ruim [...]. Aos oito anos

entrei numa terapia [...], fui treinado [...] tudo tava errado [...], treinar um caminhar de homem [...], pra escrever uma caligrafia de homem [...], eu não me sentia bem [...], meu modelo era meu irmão e eu tinha que me comportar igual a ele. Se eu me comportasse errado, tinha que me corrigir. Achei melhor me fechar para tudo [...]”.

De acordo com Monette (1992) esse esforço para não deixar transparecer, é responsável pelo surgimento de uma espécie de ‘tensão intolerável’, que acarreta efeitos profundos sobre a personalidade individual, e conseqüentemente, sobre a subjetividade.

- “Eu pensei em me suicidar [...] era cansativo, ninguém vai me chamar de bicha se eu tiver morto, ou vai, mas eu não vou estar aqui [...]. tinha medo de perder os amigos que tinha, tinha medo da minha família, medo de tudo [...]” – Depoimento de Bruno, 24 anos.

- “Quando eles descobrem a sexualidade do filho, fora do padrão” – diz João Pedro, 21 anos, bicha, preta – “eles falam toda aquela coisa clichê e minha mãe não foi diferente. Uma coisa que eu fiquei surpreso, porque minha mãe sempre foi a mais liberal da família, a tia mais legal, a mais jovem, mas quando aconteceu dentro da casa dela, ela virou o comum dos pais. Eu achei que ia ser mais tranquilo [...] Ela me perguntou se era uma fase, por quê eu era assim. [...] Não é uma fase, é minha vida. Sou



eu. Graças ao facebook, minha militância, meus amigos, ela foi [...] achando coerente e desconstruindo a questão da homofobia [...]"

- "Desde pequeno a gente é apontado. [...] sempre fui muito bichinha [...]. Desde pequeno sempre soube e tinha muita vontade de dizer pros meus pais. [...] na conversa a gente chorou. A primeira reação foi dizer 'não!', mas eu falei 'painho, eu sou uma pessoa boa [...]" – Depoimento de Peu.

De acordo com Derrida (1987) é preciso um longo e doloroso trabalho de luto, que possibilite aos homossexuais a substituição, ainda que temporária, dos laços naturais e familiares por laços construídos e escolhidos. Para esse autor, é preciso não apenas renunciar (ainda que parcialmente) à vida no círculo familiar, mas ainda, aceitar essa renúncia à qual se é mais ou menos forçado.

Dessa forma, "[...] a visibilidade é, então, o meio de escapar a esse terrível 'gueto' interior da alma sujeitada pela vergonha de si' (Eribon, 2008, p.126), atravessar a *Lógica do Armário*¹, vivenciar a

¹ O Armário corresponde ao "[...] lugar da resistência à opressão, uma maneira de viver a homossexualidade em épocas ou lugares em que não era possível vive-la ao ar livre. O 'armário' foi com tanta frequência denunciado pelos militantes homossexuais como o símbolo da 'vergonha' e da submissão à opressão que se acabou esquecendo ou negligenciando que ele também pode ser, e ao mesmo tempo, um espaço de liberdade e um meio – o único – de resistir e de não se submeter às injunções normativas. [...] ele foi o meio de ter 'orgulho' quando tudo levava a ter vergonha." (Eribon, 2008, p.67)

problemática do *Dizer ou não dizer*, para a partir daí, "poder ser o que a gente quer", como nos diz Ítalo, de 26 anos, através de seu depoimento:

- "Tinha 16, 17 anos e de uma forma incômoda alguns amigos resolveram contar por mim [...] Me tiraram do armário por pressão. [...] Mesmo minha mãe tendo confessado que já sabia, a grande maioria das mães não espera ter essa certeza [...]. Acabou sendo um alívio depois que eu contei [...], senti um alívio imenso [...], tirei um peso enorme das minhas costas. Foi incrível. [...] Quando eu me assumi pra minha mãe, ela me pediu pra não levantar bandeiras [...], era uma forma de me prender no armário, não me expor, acabou não sendo. Se existe tanto risco da gente se machucar, a gente levantar uma bandeira é a gente proteger um ao outro e eu prometer isso a ela era prejudicial pra mim. [...] Eu me sinto inseguro na rua [...]"

De acordo com Goffman (1993), dizer-se gay significa necessariamente passar por um 'desaprendizado' de si, porque "Para um gay, a questão sempre se coloca de se aceitar como tal em vez de viver o que é na dor e na vergonha" (Eribon, 2008, p.134).

Proust (1990) acredita que, ao reconhecerem-se gays, os homossexuais são convidados, ainda que inconscientemente, a uma mobilização gay que implica numa retomada num nível consciente e deliberado



de um ‘coletivo’ que preexiste e que une os homossexuais, reunindo-os num movimento de simpatia e luta política.

Gide (1969) acredita que toda palavra dita contra a homossexualidade é recebida com avidez, causando certa inquietude eufórica por parte daqueles que ouvem falar de si, uma vez que, toda palavra *contra* é também *sobre* homossexualidade. Tal fenômeno faz com que todos os enunciados públicos a respeito da homossexualidade encontrem eco imediato e profundo entre os gays, pelo simples fato de que são eles que estão ali em questão, num universo onde a realidade de seus afetos e de suas vivências sexuais é massacrada e colocada na ordem do indizível.

O curta Bichas de Marlon Parente encerra suas reflexões ao justamente indagar a respeito desse fenômeno, que, para Bruno, de 24 anos, “se chamar de bicha, uma com a outra é uma forma de se fortalecer”:

-“Eu fiz terapia porque era bicha. Você me chamou de bicha a vida inteira, por quê o choque agora? Porque isso agora? E a gente tem que se fortalecer mesmo. [...] Ser bicha hoje é liberdade.”

Para João Pedro, de 21 anos:

- “A bicha é aquela coisa caricata, que a gente tem que rir dela, e esculhambar mesmo e achar que ela não é pessoa. Você não ri com ela, você ri dela. Ela não deve ser

respeitada, ela não deve ser amada [...]. Mas no âmbito do mundo LGBT a bicha é uma maravilhosa. A bicha, ela deve não só estar recebendo esses ataques, mas se reimpondo, se reinventando, na sociedade... [...] Cabe a nós estar empoderados, falando com a sociedade, que ela pare com essa noção de que ser bicha é uma coisa errada. Ser bicha é maravilhoso. Resignificar a palavra, você tendo a noção de que aquela palavra pode sim é muito gostosa de se ouvir.”

- “Bicha na rua, no colo, no trabalho, fazer do ser bicha algo grandioso. Eu sou bicha e você vai ter que me aceitar!” – Ígaro.

- “Bichas são transgressoras. É aquela que tá indo contra o padrão, tá indo contra a maré. As bichas são contra isso. As bichas são livres. Elas são apontadas na rua, elas são motivos de chacota. Se a gente for viver se enquadrando nesse modelo-padrão que a sociedade acha que é certo, a gente não vai ser livre nunca.” – Orlando.

-“Um cara no meio da rua do nada quis avançar, a gente no meio da rua, só por a gente ser bicha, estar andando na rua de mãos dadas e ele achar que aquilo era ofensivo para ele ou sei lá pra que; se achar no direito de avançar a gente com arma. Se eu não levantar uma bandeira, se eu não tentar me proteger e proteger os meus, quem vai me proteger? Ninguém tá nem aí. Ninguém tá nem ligando pra gente, a gente tem que se proteger. A



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gente tem que se unir. [...] Levantar essa bandeira é o meu grito, é a minha proteção, para mim e pros meus.” – Ítalo.

REFERÊNCIAS

ANANIAS, José Kleberon Rodrigues de Almeida. *Um amor assim delicado: psicanálise, homossexualidade e novas formas de subjetivação*. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia. Faculdade do Vale do Ipojuca: Caruaru, 2012.

BARBERO, Graciela Haydée. *Homossexualidade e perversão na psicanálise: uma resposta aos gay & lesbian studies*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Feu la Cendre*. Paris: Des Femmes, 1987.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, v. 1: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905), v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, v. 1: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade*, v. 2: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da

Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GIDE, André. *Corydon*. Rio de Janeiro: Record, 1969.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: la identidade deteriorada*. 5. Ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MONETTE, Paul. *Becoming a man: half a life story*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. Tradução de Mário Quintana. 10. Ed. São Paulo: Globo, 1990.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Tradução de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1996.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. *As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana*. In: Revista Mal Estar e Subjetividade. 9(2), jun, 2009